

## **CONTINUAMOS NA ATIVA: FINALIDADES DAS MANIFESTAÇÕES GRÁFICAS PRODUZIDAS POR CANGACEIROS<sup>1</sup>**

Klebson Oliveira\*  
UFBA – PROHPOR / PRODOC – CAPES

### **RESUMO**

Objetiva-se neste trabalho analisar, sobretudo no que diz respeito à sua emergência e funcionalidade, manifestações gráficas saídas das mãos de cangaceiros durante o arco temporal que se estendeu de 1900 a 1940.

**PALAVRAS-CHAVE:** História da leitura e da escrita no Brasil. Epistolografia. Cangaceiros. Século XX.

### **INTRODUÇÃO**

Uma manifestação de banditismo, tipicamente brasileira, teve endereço e tempo certos: o sertão nordestino e o arco temporal que vai de 1900 a 1940. É do cangaço que se está a falar. Dos estados que compõem a região Nordeste do Brasil, apenas Piauí e Maranhão não conheceram as ações do cangaço, porém os demais “sentiram na pele”, em maior ou menor escala, os atos de roubos, violência, ameaça, invasão e destruição praticados pelos cangaceiros. A rede de relações movimentada pelo cangaço articulava gentes localizadas em várias instâncias sociais, mas que, de modo geral, pode se resumir no triângulo cangaceiros-coiteiros-policiais. No curso da História, passaram os cangaceiros a ocupar o lugar de facínoras; no outro vértice

(1998, p. 26), existiam também os coiteiros por interesse, traficantes do crime, que davam a mão aos cangaceiros, objetivando lucros e vantagens. As forças formadas por soldados para combater o cangaço eram chamadas de “volantes” e foram criadas para perseguir os bandidos e acabar, de pronto, com o cangaço. Acontece que Nascimento (1998, p. 32) mostrou que as volantes não passavam de patrulhas com mobilidade restrita dentro da caatinga e, por conta disso, de pouca eficácia. A oralidade tinha papel importante dentro da rede social tecida pelo cangaço. Acontece que também desencadeou escrituras de naturezas diversas, mas interessam-nos as cartas e bilhetes, porque ou saíram dos próprios punhos dos cangaceiros ou como expressão da sua vontade.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

De início, entender as missivas produzidas por cangaceiros requer leitura especializada sobre o tema, afinal nascem em um contexto como código alternativo para a linguagem oral que não deu conta das necessidades de indivíduos que, por natureza, criaram situações comunicativas só pela escrita podendo ser lacunadas. Procurando-se ajuntar material para compor uma série de produtos gráficos saídos das mãos de cangaceiros ou como expressão da sua vontade, é certo o defrontar-se, de imediato, com aquilo que o paleógrafo italiano Armando Petrucci (1999, 29) designou de *dispersão arquivística*. Para se ter uma idéia, os 34 documentos produzidos no circuito do cangaço e aqui reunidos para análise tiveram de ser “catados” em diferentes acervos: o acervo da Sociedade Brasileira de Estudos do Cangaço, o da Associação

documentos referidos sejam de serventia para estudos linguísticos de natureza variada. Feita a edição, passou-se a agrupar os textos tendo por guia as circunstâncias e finalidades que promoveram a sua emergência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita alinhavada pelos cangaceiros se prestou a diversas funções – extorquir, ameaçar, agradecer, acalmar etc. Aviste-se uma carta de Lampião para Horácio Ferraz, datada de 1926:

*Illustríssimo Senhor* Horácio Ferraz,

Estimo suas saudações com toda *Excelentíssima* familia. Ofim desta para lhe pedir-lhe Um conto di réis. Espero Qui o *Senhor* não faça duvida. Será isto Melhor do Qui *Vossa* mercê ter outro Priguiso mais alem. Espero Qui Reposte logo, agora alarmi as autoridade, i depois não si sahia mal. Sem *mais* Asunto, Reposta Urgente.

Capitam Virgulino Ferreira da Silva

Vulgo Lampião

Não tinha muita opção Horácio Ferraz: ou entregava a Lampião dinheiro seu ou só Deus sabe o que poderia acontecer. Porém o Rei do cangaço, inteligente que era, sabia que não poderia lidar com os seus somente à base do “chicote”, da ameaça, e criou um expediente muito interessante: uma espécie de passaporte legalizando a ida e vinda de fazendeiros, desde que lhe fossem generosos. Para José Gonçalves, em 1936, enviou um cartão tamanho postal com foto sua no anverso com os seguintes dizeres:

Levando uma vida itinerante e incerta, porque cheia de perigos e armadilhas, não poderiam as mulheres, depois de dar à luz, trazer consigo os seus filhos. Entra em cena, desse modo, mais uma função epistolar no tecido do cangaço – a carta de entrega de criança, como a que se segue, de Corisco para o Padre José Bulhões, em 1935:

*IIIustríssimo. Excelentíssimo Senhor Reverendissimo Vigario Da figrezia de Santa do Ypanema Bulhanzes*

Desejo que esta va li encontrá gozando perfeita Saude y pás de espirito a si com os que li foram caros Senhor Bulhanzes segue em companhia desta carta este menino para u *Senhor* criá como seu filho y educá da forma que puder Amadrinha he nossa Senhora y u padrinho he u *Senhor* mesmo pessoa u Bom Vigario que crie este menino da melhor forma que puder u pai do menino sou eu Capitão Christino Gomes da Silva Cleto conhecido como Curisco A mai do menino he Cerja Maria da Conceição conhecida por Dadá outro acunto cuidado com meu filho cou o mezmoo Capitão Curisco chefe de Grupo dus Grandes Cangaceiro.

A lista das finalidades a que eram destinadas as cartas dos cangaceiros poderia ser bem mais alongada. Pensa-se, entretanto, ter dado já uma idéia do destino das suas letras.

## **CONCLUSÃO**

Que a linguagem oral teve papel proeminente no circuito do cangaço, disso não há dúvidas. Ela, entretanto, não preencheu todas as situações comunicativas que iam se acumulando, à medida que o movimento, cada vez mais articulado, ia precisando de “refinamentos” comunicativos. Carecentes de códigos alternativos, é por essa brecha

---

ASSUNÇÃO, M. **Os homens que mataram o facínora: a história dos grandes inimigos de Lampião**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

CHANDLER, B. J. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MELLO, F. P. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa, 2004.

NASCIMENTO, J. A. **Cangaceiros, coiteiros e volantes**. São Paulo: Ícone, 2004.

OLIVEIRA, A. L. de. **Lampião, cangaço e Nordeste**. 2. ed. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1970.

PETRUCCI, A. Para La historia del alfabetismo y de la cultura escrita: métodos, materiales y problemas. In: **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, p. 25-39, 1999.